

## SEXISMO PÓSTUMO: O DISCURSO DA FOLHA DE S. PAULO SOBRE A MORTE DA ATRIZ ARACY BALABANIAN

VICTÓRIA TAVARES DA SILVA<sup>1</sup>; MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – victsilva29@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

Em 7 de agosto de 2023, a notícia do óbito de uma das mais ilustres atrizes da teledramaturgia brasileira, Aracy Balabanian, reverberou imediatamente na mídia nacional. Nesse contexto, a Folha de S. Paulo, um dos maiores veículos de imprensa do país, chamou a atenção ao dar maior enfoque à vida íntima em detrimento da carreira da atriz em chamadas publicadas na rede social X (novo Twitter)<sup>1</sup>.

Para compreender os efeitos dessa violência simbólica, que se manifesta no campo cultural e ideológico, é fundamental recorrer *a priori* à definição de gênero proposta por Butler (2003). É posto que as categorias de gênero masculino e feminino são estabelecidas cultural e socialmente mediante repetições e performances, “no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003, p. 194). Ao seguir e reproduzir essas normas de gênero, o indivíduo legitima-se frente à sociedade, como aponta neste trecho:

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. (BUTLER, 2003, p. 200).

O sexism é uma manifestação invasiva das convenções de gênero tradicionais, como sendo “um conjunto de estereótipos acerca da avaliação de aspectos cognitivos, afetivos e atitudinais sobre o papel e atuação que é considerado mais apropriado para os indivíduos a partir do seu sexo” (SOARES et al., 2022, p. 3), reforçando papéis de gênero por meio da opressão.

Assim, este trabalho propõe-se a desvelar o sexism que permeia o discurso da Folha de S. Paulo em duas chamadas compartilhadas pelo próprio jornal no seu perfil da rede oficial X, compreendidas no período entre o dia do falecimento da atriz (7/8/2023) e o dia posterior (8/8/2023), valendo-se, para isso, dos fundamentos da Análise do Discurso conforme descrita por Orlandi (2015), considerando a materialidade da linguagem como meio essencial da prática jornalística e de suas associações práticas com relações sociais, além dos escritos de gênero supracitados de Butler (2003). Este estudo intenta, ainda, promover uma breve reflexão sobre o discurso midiático e suas implicações na manutenção de estereótipos de gênero, dado que “a mídia é um dos sistemas de representação social mais evidentes, e com isso tem ingerência direta nas configurações das convenções sociais” (SILVA, 2014, p. 102).

---

<sup>1</sup> <https://twitter.com/folha>

## 2. METODOLOGIA

Este estudo adota a Análise do Discurso explicitada por Orlandi (2015), que consiste em uma abordagem crítica do discurso, constituído pela língua e ideologia, que reflete e concebe relações de poder e formas de dominação. Com base nisso, buscou-se identificar como as ideias sexistas são usadas como instrumento de poder no discurso das chamadas da Folha de S. Paulo voltadas à vida privada da atriz Aracy Balabanian.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira chamada selecionada, “Aracy Balabanian fez aborto e não quis se casar nem ter filho para cuidar da carreira”, publicada em 7/8/2023 (Figura 1), e que veio a ser excluída pela Folha posteriormente, pressupõe que maternidade e profissão são mutuamente excludentes ao enfatizar que Balabanian “não quis se casar nem ter filho para cuidar da carreira”. A frase sugere uma conduta fora do padrão, uma subversão da norma, e que, por isso, precisa ser justificada, como se a maternidade fosse um dever da mulher. Essa proposição reflete as expectativas de gênero, determinadas por práticas regulamentadoras de “dominação masculinista” (BUTLER, 2003, p. 201), desconsiderando a diversidade de experiências individuais.

Nesse enunciado, a menção ao aborto, tendo em consideração sua estigmatização, pode sustentar a presunção de que as decisões reprodutivas de uma mulher podem ser objeto de escrutínio público.

Figura 1 – Tweet veicula chamada sexista no dia do óbito de Aracy Balabanian (@folha/X)



No segundo exemplo contemplado por este estudo (Figura 2), "Aracy Balabanian não foi mãe, mas desempenhou o papel de 'dinda' carinhosa para muitos", do dia 8/8/2023, o discurso denota uma “compensação”: ainda que não tenha tido filhos, Balabanian não deixa de ser associada a uma figura maternal, caracterizada pelo zelo, a partir do uso do termo “dinda carinhosa”. A maternidade é reforçada como um estágio inevitável na vida da mulher, propagando ideias estereotipadas sobre as que optam por não ter filhos.

O que pode ser inferido disso é que a Folha perpetua normas de gênero nessas chamadas, promovendo um discurso que limita as mulheres aos papéis de esposas e mães.

Figura 2 – Chamada da Folha corrobora as normas de gênero (@folha/X)



## 4. CONCLUSÕES

O presente estudo apresentou, com base nos resultados obtidos a partir do exame do discurso dessas chamadas da Folha de S. Paulo, como o sexismo não é uma questão isolada, mas uma violência enraizada inclusive nas instituições sociais. O que se observou neste trabalho é como a imprensa tradicional ainda perpetua enunciados sexistas, que não leva em conta a complexidade do conceito de gênero lançada à luz por Butler. Ao perpetuar essas noções limitantes, cria-se barreiras na luta pela igualdade de gênero. Daí a necessidade de portar-se criticamente diante de discursos sexistas difundidos pela mídia, tanto como leitores quanto produtores de mídia, pois a imprensa deve ser um espaço de expressão da igualdade, de modo a desconstruir estereótipos de gênero que servem de mecanismos de opressão aos indivíduos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.
- SILVA, M.V. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias.** Florianópolis: Insular, 2014.
- SOARES, A. K. S., LEITE, J. J. S., REZENDE, A. T., & FREIRES, L. A. (2022). **Papéis binários de gênero e sexismo: explicação pautada nos valores e personalidade.** Revista de Psicologia, nº 31 (1), p. 1-12. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2022.53533>>. Acesso em 22 de set. de 2023.